



**CARTA
AOS
INTERCESSORES**

Nº 140 – Outubro 2012

“ Encheu-se de compaixão ”. (Lc. 10,33)

Caros Amigos

Terminado o verão confrontamo-nos com a leitura e meditação de todas as riquezas colhidas no grande encontro das ENS em Brasília. Perante as intervenções e os testemunhos, sentimo-nos renovados e fortificados na nossa missão de intercessão com um outro olhar cheio de esperança sobre a nossa humanidade ferida.

“Ele encheu-se de compaixão” esta frase interpela-nos particularmente hoje. Não somos desafiados com esta atitude ao partilharmos as dores os sofrimentos a esperança dos que confiam em nós? Como estar mais chegados e mais atentos àqueles que nos são próximos?

Contrariamente ao Samaritano o nosso propósito não se situa numa ajuda material mas no acompanhamento, na oração diante da aflição: “compreender com a compaixão do coração, escutar, poderá ser já o começo de uma cura” como nos testemunha a Madre Teresa e o Irmão Roger num dos textos seguintes.

Da compaixão á intercessão é apenas um passo, Cristo apela a partilhar a cruz. A nossa oração, o nosso jejum e a nossa oferta por Ele e Nele torna-se a cura. Que o Senhor nos acompanhe neste caminho exigente mas também a origem de tantas graças e alegrias.

Sejam bem-vindos de volta

Anne-Laure et Jean René Brégeon

BILHETE ESPIRITUAL

Um belo exemplo de compaixão, dado por Jesus, foi no caminho de Emaús (Lucas 24,13). Os dois discípulos que deixaram Jerusalém estavam desesperados, porque Jesus em quem eles tinham posto a sua esperança tinha morrido e sido sepultado. Tudo terminara para eles. O Senhor é este homem que eles reencontram no caminho, Ele vai ser uma presença na sua solidão. Ele vai ser uma atenção, uma escuta. *“Que se passa?”* Porque estais tão tristes? Vais-lhe dar uma palavra curta e essencial, após os ter feito exprimir a sua tristeza... eles tinham uma grande necessidade de ser escutados.

A compaixão de Jesus é *“vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo”* (Mt 11:28) é também *“descarrega o teu fardo sobre Jahweh, Ele cuidará de ti”* (S55:23) ou ainda *“descarregai sobre Ele toda a vossa inquietude”*

A compaixão de Jesus, através pela sua palavra leva-os a reencontrar a sua fé e renova-lhes a segurança. *“Não era preciso que Cristo sofresse tudo isto e entrasse na sua glória”* (Lc 24:26). Ele interpreta as escrituras no que a Si se refere. Finalmente a sua compaixão é a Eucaristia; a Igreja e a sua missão de testemunhar a sua ressurreição. A grande compaixão de Jesus é a sua presença no meio de nós, para nós ressuscitar em cada dia.

Padre Clémente Ridard

«Encheu-se de compaixão» (Lucas 10,33)

O samaritano viu o homem caído à beira da estrada e encheu-se de compaixão. Isto significa literalmente que as suas entranhas foram tocadas. Ficou comovido no âmago do seu ser. A palavra “compaixão” significa sentir com alguém. É bom sentir por alguém. Isso faz parte da compaixão, mas, sem mais, pode ser paternalista ou condescendente. Temos também de sentir com as pessoas, respeitando como elas se sentem e como vêem as coisas. Estes são, pois, as duas faces da compaixão: tenho de ver a pessoa como um ser humano como eu, meu irmão ou minha irmã. Tenho também de aprender a vê-la como sendo diferente de mim, como fruto da sua

experiência única, que eu não posso conhecer totalmente. Há dois dias, quando falei do amor, disse que ele implica que nos aproximemos do outro na intimidade, mas também que lhe demos espaço para ser ele próprio. O samaritano aproxima-se mas também deixa o homem ferido na estalagem para continuar a sua própria vida. O Brasil é a terra do grande Hélder Câmara, o santo Arcebispo do Recife. Ele é um maravilhoso exemplo da compaixão neste primeiro sentido. Foi muitas vezes acusado de ser comunista por causa da sua preocupação com os pobres que vivem nas favelas das colinas à roda da cidade. Dizia ele: «Se eu não subir às suas favelas nas colinas para os saudar como meus irmãos e minhas irmãs, eles descem das colinas para as cidades com bandeiras e armas». Às vezes, quando ouvia dizer que um pobre tinha sido detido pela polícia, Hélder Câmara telefonava para a polícia e dizia: «Ouvi dizer que tinham prendido um irmão meu». E a polícia desfazia-se em desculpas: «Que erro terrível, Excelência! Não sabíamos que era seu irmão. Ele vai ser libertado imediatamente!». E, quando o Arcebispo ia à polícia buscar o homem, podia dar-se o caso de o agente dizer: «Mas ele não tem o mesmo nome que Vossa Excelência». E Câmara respondia que todos os pobres eram seus irmãos e suas irmãs.

Amar outra pessoa é vê-la como semelhante a nós, outro ser humano. Sto. Agostinho dizia que o amigo é «outro eu». Ele escreveu: «Concordo com o poeta que chamava ao seu amigo “metade da sua própria alma”. Porque eu sinto que a minha alma e a do meu amigo são uma alma em dois corpos». Quando tentamos comunicar com pessoas que vivem relações desfeitas, com quem vive em união de facto ou com divorciados recasados, vemo-nos na sua posição. Identificamo-nos com elas e sabemos que podíamos facilmente estar na sua situação. A outra face da compaixão é aceitar que a outra pessoa não é igual a mim. outra pessoa é única, e eu não posso conhecer exactamente os seus sofrimentos. É muito irritante se estamos a passar por uma dor e alguém nos diz: «Sei exactamente o que está a sentir». Pode dar-se o caso de ter perdido alguém querido ou de estar a sofrer uma dor física, e temos vontade de dizer: «Não, não sabe! Você não é eu!». O meu sofrimento não é exactamente o mesmo que o de qualquer outra pessoa. Você nunca perdeu a minha mulher ou o meu marido! Você não sabe o que é para mim estar diante da morte. A verdadeira compaixão também respeita a alteridade do outro, o mistério do seu ser. Como podemos crescer nesse respeito pela outra pessoa? Ontem falei de como olhamos as outras pessoas. Nós rezamos para podermos ver com os olhos de Jesus. Mas Jesus também se deixa ver. Na cruz, ele está nu diante dos nossos olhos. Os seus olhos penetram através dos nossos

disfarces, mas ele tem a coragem de também se deixar ver, mesmo morto na cruz quando já não pode olhar-nos. Confia-se ao nosso olhar. A verdadeira compaixão significa que olhamos para as pessoas com amor, mas também nos deixamos ver. Se só olharmos, então estamos a reivindicar alguma superioridade. Na Igreja primitiva, no baptismo, éramos despojados da nossa roupa. Entrávamos na pia baptismal nus e sem vergonha. Não precisávamos de nos esconder do olhar de Deus, como Adão e Eva depois da queda. Agora podemos estar diante de Deus como somos. S. Gregório de Nissa escreveu: «Deixando cair estas folhas murchas que encobrem as nossas vidas, devemos uma vez mais apresentar-nos diante dos olhos do nosso Criador» No casamento, ou mesmo na vida religiosa, aprendemos a reciprocidade da compaixão. Deixamo-nos ser tocados pelo que a outra pessoa vive. Olhamo-la com os olhos abertos. Mas temos também de ousar deixarmo-nos ver pelo nosso cônjuge. Não precisamos de esconder as nossas fraquezas, as nossas dúvidas, as nossas inseguranças. Temos mesmo de estar literalmente nus com o outro, e isso exige grande confiança, sobretudo quando envelhecemos e ficamos mais flácidos! Confiamos que ele nos olhará com misericórdia e compreensão. Temos medo de que, se o nosso cônjuge nos vir como realmente somos, deixe de nos amar? Sentimo-nos impelidos a criar uma fachada que nos faça ganhar admiração em vez de confiar no seu amor compassivo por nós? Deus vê-nos tal como somos, e ama-nos mais do qualquer outra pessoa.

Padre Timothy RADCLIFFE

(Encontro Internacional das ENS – Brasília)

COMPAIXÃO DE CORAÇÃO

Aliviar o sofrimento humano está no coração do Evangelho.

Quando pacificamos as provações dos outros, é com o próprio Cristo que convivemos. Ele diz-nos isso no Evangelho: “O que fizerdes aos mais humildes dos meus irmãos, é a mim, ao Cristo, que o fazeis”.

No decurso de um período passado num bairro de lata do Haiti, muitos rostos deixavam transparecer um reflexo de Cristo abandonado. Havia lá uma mulher idosa que abria a sua casa aos

mais pobres. Num certo dia, ouvimos rezar esta mulher , cheia de compaixão: “Sofro porque mal acabamos de dar uma ajuda a um infeliz, logo outro se apresenta para ser ajudado”.

E contudo ela sabia que escutar e procurar compreender com compaixão de coração, talvez já possa ser o começo de uma cura.

Não esqueçamos então que em toda a Terra, há mulheres, homens, jovens e também crianças que têm tudo para poder reanimar a compaixão de coração entre aqueles que conhecem a dúvida e o desencantamento. Têm tudo para sustentar a bela esperança humana ...

Não nos atormentemos; nessas ocasiões mais do que nunca, é oferecida a todos uma esperança, onde quer que estejamos.

Se nas nossas vidas houver sobressaltos ou mesmo fortes perturbações, Jesus Cristo estará lá. Dir-nos-á sempre: “Quando estiveres no ponto mais duro da provação, apoiar-te-ei contra o desespero E estarei também nas profundezas da Esperança”.

Um dos apelos insubstituíveis do Evangelho é convidar o ser humano a pôr a sua confiança em Cristo Ressuscitado, e mesmo que o não saiba, a tornar-se através dele, num ser vivo em plenitude. Santo Ireneu, bispo de Lyon, cristão da terceira geração (tinha conhecido Polycarpo que por sua vez foi discípulo de João Evangelista), escrevia: “ A emanação de Deus é o homem vivo. A vida do homem é a visão de Deus”.

**Jesus, nossa Esperança, quando Te seguimos,
escolhemos amar com a compaixão do coração.
Desejas para nós uma alegria evangélica, por
ténue que seja. E mesmo quando a nossa
intimidade profunda for assaltada pela provação,
permite que nos abandonemos em Ti, Cristo,
procurando repór em Tuas mãos tudo o que
possa esmagar-nos com o seu peso.**

A ORAÇÃO (Frescura de uma Fonte)

Madre Teresa e Irmão Roger

INTERVENÇÃO DOS INTERCESSORES

Encontro de Brasília em Julho de 2012

Equipistas do Brasil que nos acolheis, equipistas da América Latina e do mundo inteiro, caros Amigos, em nome da equipa de animação dos Intercessores com base na região parisiense, quero agradecer aos organizadores deste grande encontro das Equipas de Nossa Senhora em Brasília, a permissão de vos falar dos Intercessores e da Intercessão.

O nosso fundador, o Padre Henri Caffarel, pensava com razão que um Movimento de Espiritualidade Conjugal não poderia dispensar-se de ter membros orantes. “ A oração dos intercessores não é mais do que a oração do próprio Cristo, senão nada seria. Não seria oração de Cristo, suscitada neles pelo Espírito de Cristo”, dizia o Padre Henri Caffarel.

Desde 1956 e depois em Março de 1960 por meio do seu Apelo a Voluntários, ele teve esta muito bela e profunda intuição de fazer apelo a veladores que rezassem de noite pelo Movimento, pelos Lares e pelo Sacramento do Matrimónio, em ligação com todos os orantes do mundo (monges, religiosos e outros). Estes veladores eram lares equipistas que se tornaram nos Intercessores na sequência de uma visita, ao Brasil e depois à Colômbia em 1977, de Luís e Maria Amonville, então responsáveis das Equipas de França e Internacionais.

Os intercessores que têm por vocação, por ministério, rezar pelos casais cristãos, foram--se alargando a pouco e pouco, com o correr dos anos, a outros orantes que não são equipistas e a pessoas singulares. Actualmente temos cerca de 4 mil em todo o mundo, principalmente na América Latina e na Europa, mas também no Médio Oriente, na África e na Ásia.

A nossa equipa de animação está em contacto com todos os casais de ligação pelo mundo fora, representando cada um deles o seu país e por vezes vários países do seu continente.

É importante que os intercessores se desenvolvam e rejuvenesçam. A ideia feita de intercessores idosos deve evoluir. Há 50 anos os intercessores arrancaram com pouca idade. Temos necessidade de

que os actuais novos se juntem a nós. Cristo intercedeu continuamente junto do Pai. Seria sensato que em fins-de-semana equipas jovens (com um ou dois anos de experiência) e os responsáveis de sector ou de região inserissem no programa um tempo reservado à intercessão e à sua divulgação.

A intercessão é uma força natural do cristão e deve tornar-se como que uma respiração regular e necessária à vida de oração. O nosso primeiro gesto de cristão é seguramente a adoração (o primeiro dos mandamentos), é a primeira atitude do Homem que se reconhece como criatura diante do seu criador. Em seguida vem a intercessão, para terminar no louvor. A prece de intercessão é uma oração de pedido, que nos aproxima da prece de Jesus, Ele que é o Intercessor Único junto do Pai, em favor de todos os homens (Hebreus 7, 25).

Interceder, pedir em favor de outro, é desde os tempos de Abraão, o que é próprio de um coração em sintonia com a misericórdia de Deus. No tempo da Igreja, a intercessão cristã participa na intercessão de Cristo. É a expressão da Comunhão dos Santos.

Na intercessão, aquele que reza “não procura os seus interesses próprios, mas procura antes os interesses dos outros” (Sl. 2,4), até ao ponto de pedir pelos que lhe fazem mal (Santo Estevão). A intercessão não conhece fronteiras. Adorar, interceder para atingir o louvor, dizia o padre Jacques Loew. O louvor é a forma de oração que reconhece mais de imediato que Deus é Deus. É um cântico para Ele, pelo que Ele é.

Pela intercessão participamos no projecto que Deus tem sobre o mundo. “ Manter-se na brecha dos acontecimentos ...” (Ez. 22, 30) participando pela oração, pelo jejum e pela oferta, intercedendo pelas grandes intenções da Igreja e muito especialmente pelos casais deste mundo e pela santidade dos lares cristãos.

Jean-Michel Vuillermoz

TESTEMUNHOS de BRASÍLIA

É um convite a não cruzarmos os braços, pois que os pobres, incontáveis, estendem-nos as mãos. Eles sentem-se abandonados, excluídos, desprezados, isolados e já não sabem em que lugar podem expressar o seu sofrimento.

É verdadeiramente difícil ajudar um casal “em dificuldades” a estabelecer contacto, e ter um olhar de compaixão sem julgamento.

É necessário uma terceira vista para ver as pessoas em dificuldade e uma terceira orelha para as ouvir.

O outro é um ser único. Não se pode conhecer totalmente, nem substituir-se na sua dor. Jesus é como o samaritano. Recebe a compaixão do homem ferido e manifesta por sua vez a compaixão por ele. No casamento como na vida religiosa, aprendemos a reciprocidade da compaixão. Se se olha para o Outro sem acolher a sua própria compaixão com humildade, estamos a reivindicar uma certa superioridade sobre essa pessoa. Deus vê-nos tal como somos.

Caros amigos

Regressamos ao vosso convívio revigorados com a participação no Encontro Internacional em Brasília e com os testemunhos lá escutados.

Pela 1ª vez nestes encontros internacionais podemos ter um tempo destinado à nossa Família dos Intercessores o que traduz o quanto importante é para as ENS esta corrente de oração.

A compaixão (essencialmente do coração) pelos que sofrem foi o grande tema desta jornada. Damos graças a Deus por isso.

Por isso a carta que nos é enviada de França salienta as reflexões que foram escutadas e sentidas pelos milhares de irmãos que como nós participaram “in loco” como por aqueles que nas suas casas seguiram o evento.

Vamos também nós “ousar o Evangelho” e tentar ser apóstolos de Cristo anunciadores da sua vontade de ajuda aos que sofrem.

Um abraço em Cristo

Rita e Joaquim